



# As cores da rosa

crônicas

Bernardete de Lurdes Bielinski

**Título Original:** *As cores da rosa. crônicas.*

© Copyright 2021 by Bernardete de Lurdes Bielinski

Todos os direitos reservados. Autorizado o uso de seu conteúdo, desde que acompanhado de citação da fonte.

Fotografias de Christina Ramalho e Marcia Bielinski Barreto

Diagramação: Christina Ramalho

Revisão: Christina Ramalho e Éverton de Jesus Santos

Catálogo da Publicação na Fonte.

Fernando Antony Guerra Alves – Bibliotecário CRB/15-303

B587c Bielinski, Bernardete de Lurdes.  
As cores das rosas: Crônicas. / Bernardete de Lurdes Bielinski. – 1.  
ed. – Natal/RN: Lucgraf, 2021.  
78p.: il.; eBook (pdf).

Fotografias de Christina Ramalho e Marcia Bielinski Barreto.  
ISBN: 978-65-88011-16-4

1. Literatura Brasileira. 2. Literatura – Crônicas. 3. Literatura –  
Ensaaios. I. Título.

CDU 821.134.3(81)  
CDD B869.4

# As cores da rosa

crônicas

**Bernardete de Lurdes Bielinski**



LucGraf Virtual – Natal, 2021



# As cores da rosa

## Índice

<i>A primeira rosa</i> .....	03
<i>A segunda rosa</i> .....	05
<i>A terceira rosa</i> .....	07
<i>A quarta rosa</i> .....	10
<i>A quinta rosa</i> .....	12
<i>A sexta rosa: o dia em que vovô morreu</i> .....	14
<i>A sétima rosa</i> .....	18
<i>A oitava rosa</i> .....	21
<i>A nona rosa: Bruno</i> .....	23
<i>A décima rosa</i> .....	26
<i>A décima primeira rosa</i> .....	30
<i>A décima segunda rosa</i> .....	34
<i>A décima terceira rosa</i> .....	37
<i>A décima quarta rosa</i> .....	40
<i>A décima quinta rosa</i> .....	43
<i>A décima sexta rosa</i> .....	47
<i>A décima sétima rosa</i> .....	50
<i>A décima oitava rosa</i> .....	55
<i>A décima nona rosa</i> .....	58
<i>A vigésima rosa</i> .....	61
<i>A vigésima primeira rosa</i> .....	64
Sobre a autora.....	67





## *A primeira rosa*

Era sempre verão naquela cidade. Nem mesmo os ventos que derrubavam as folhas vermelhas do outono-inverno eram capazes de amenizar o calor. O inverno que viria após as aragens outonais era sufocado pelas pesadas folhas das amendoeiras que cobriam as ruas. Assim o frio passava despercebido por entre as camadas que coloriram e cobriam ruas, avenidas, praças e até mesmo a areia das praias. E o dia a dia vermelho-amarelado só daria lugar à primavera, que, ignorando o calor, cederia lugar às flores dos jardins e às jardineiras penduradas nas varandas dos prédios para pedir olhares de agradecimento à natureza, que, sem pedir licença, tomava seu lugar. E assim podíamos usufruir um pouco das amenidades da primavera e nos dar ao luxo de esquecer brevemente o calor que logo chegaria com o novo verão para a alegria dos apaixonados pelas praias lindas daquela para sempre Cidade Maravilhosa.





## *A segunda rosa*

Hoje amanheci pensando nas convenções estabelecidas pelo mundo que nos falam que há tempo para tudo: tempo para nascer, tempo para crescer, tempo para trabalhar, para amar, para perder o amor, para esquecer... E assim seguem os tempos que foram estabelecidos para seguirmos.

Precisamos quebrar essas supostas verdades. Temos de ter tempo para renascer e para reconstruir; tempo para novos sonhos, para substituir amores perdidos por novos amores. Tempo para abrir as portas aos sentimentos e emoções que ficaram encarcerados no silêncio do medo de nos tornarmos causadores da quebra das convenções. Que o amor e os sentimentos possam tomar conta dos corações jovens ou dos corações já no outono-inverno da vida. O amor não cria rugas, não vai embora com a morte. Ele fica para crescer em novo amor. Não vamos mais dar nossos olhos e nossos ouvidos a convenções que ninguém nunca soube quem estabeleceu.

Viver é sorrir porque o coração está em festa.



## A terceira rosa

Estava muito escuro quando abri os olhos. Achei que tinha despertado antes da hora costumeira. Olhei o relógio e vi que a hora era a mesma. Levantei-me, abri a cortina e a janela, olhei e me assustei com as nuvens cinzentas e pesadas que cobriam o céu, não deixando sequer um pouquinho do azul aparecer. Do sol, nem sinal.

Corri para a outra janela e vislumbrei o mar que se apresentava aos meus olhos escuro e triste, sem as cores que sempre variam do azul intenso, passando ao verde esmeralda, até se dissolverem no verde-amarelado que se joga em ondas na areia. Elas agora eram filetes de espuma e ainda tinham um pouco do branco a enfeitá-las tristemente.

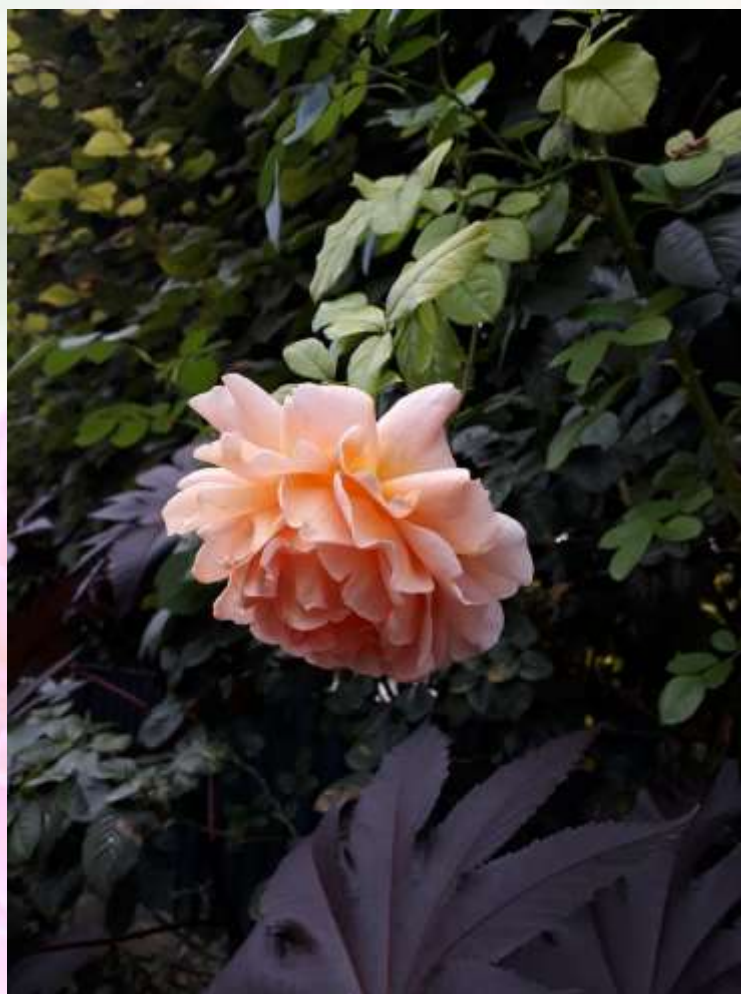
Intuí que logo cairia uma forte chuva e resolvi voltar para a cama. Recostei-me nos travesseiros e alcancei um livro que já fazia algum tempo estava na mesinha. Acendi o abajur e comecei a folhear o livro, que tinha como título *A linguagem das flores*. Eram tão lindas as suas ilustrações! As mais variadas cores em flores que iam da singela Margarida até a soberba Hortênsia, passando pelo Cravo, pela Rosa, pelo Jasmim, pelo Lírio, pela Alfazema e por muitas e muitas outras, sendo que algumas eu jamais havia visto e nem mesmo sabia

seus nomes. Fui repassando uma por uma e lendo seus significados. A penumbra e a leitura me fizeram adormecer.

Ao acordar, o sol já estava adentrando o quarto, e pude sentir o calor do astro-rei. Achei que havia sonhado e que a escuridão do céu e do mar eram fruto de minha imaginação. Eu me volvei e vi o livro aberto sobre a cama. Seu colorido, no entanto, permanecia aceso.

Corri à janela e olhei para o tempo, que me sorria e me convidava a caminhar por entre as poças d'água que a chuva havia deixado nas calçadas.





## *A quarta rosa*

O dia amanheceu radiante, com sua luz e seu calor entrando por minha janela. Agradei a Deus por ter velado meu sono e agradei ao meu amor por ter adentrado meus sonhos. Quem sabe agora poderemos andar juntos pelas veredas que se apresentam a nós dois. Olharemos a beleza da criação divina, na qual as flores ladeiam as beiradas e os animais já acordados nos saúdam com sua presença. Veremos o céu e o vento empurrando as nuvens para que elas não escondam o sol que nos aquece. Falaremos de nossas amenidades e também, por que não, de nossas dificuldades. Um consolará o outro e, sempre de mãos dadas, veremos ao longe o fim do caminho, que nos apontará uma nova noite, para estarmos juntos no mesmo sonho.



## *A quinta rosa*

Penso no dia em que Rosa levou uma rosa para enfeitar e perfumar a Eternidade. Na verdade, seu nome não era Rosa, mas foi assim que o Amor a chamou.

Ele, o Amor, sabia que, mais cedo ou mais tarde, iria mergulhar na Eternidade que já havia sonhado e construído para sua Rosa. Iria então até as profundezas das águas enfeitadas e perfumadas por Ela, mas cuidaria para não se afogar, pois queria viver, com Ela, a vida que nunca mais acabaria, mas que teria sempre o perfume de rosa para fazer parte do reencontro dos dois: ele, o Amor, e ela, agora, Eternidade.

O verdadeiro nome de Rosa ficou no esquecimento, assim como nunca saberemos o verdadeiro nome do Amor.





## *A sexta rosa: o dia em que vovô morreu*

Este texto é verídico e, como sou a protagonista, o intitulei de “O dia em que vovô morreu”.

Cheguei em casa mais cedo, vinda da escola, pois, acabada a prova, os alunos foram liberados. Entrei, chamei por minha mãe e, não recebendo resposta, vi que não estava em casa. Como meus irmãos ou estavam estudando ou trabalhando, me vi apenas com meu avô, a quem fui ver se estava em seu quarto. Ele era bem velhinho, já passava dos noventa anos.

A porta estava encostada, entrei e vi que estava deitado coberto por seu edredom de penas que tinha trazido do Sul. Não chamei por ele, mas fiquei observando. Não se mexia, e eu não via sinal de sua respiração. Nos meus doze anos de idade, não preciso dizer que fiquei apavorada, pois não havia visto ainda nenhuma pessoa morta. Saí às pressas com minha bicicleta velha para procurar por minha mãe. Fui ao açougue, ao armazém, à padaria e até ao armarinho do seu Martins. Lá não estava. Corri à casa de minha irmã, que já estava casada e morava ali perto, inventando um motivo para poder perguntar se mamãe tinha estado lá. Ela respondeu que não. Despedi-me e fui continuar a busca.

Fui até a igreja, aonde ela costumava ir para alguma reunião com as outras senhoras. Não havia ninguém, e a igreja estava fechada. Desisti da busca e regressei à casa, mas não entrei. Fiquei sentada na varandinha, pensando como faria para falar do problema com ela. Nisso, ouvi um barulho vindo da cozinha e vi que ela já havia chegado. Contornei a lateral da casa para entrar pela varanda que fora construída junto da cozinha para fazermos as refeições e também para mamãe costurar.

Entreí, e ela me perguntou onde eu estava, respondi que tinha ido dar umas voltas de bicicleta. Sem conseguir entrar no assunto, me virei para fora, e um susto quase me derrubou. Meu avozinho estava sentado em sua cadeira de vime. Olhou para mim e me chamou: "Netinka", forma apolonesada de netinha, e falou: "Está muito calor hoje... ho ho". Cheguei perto dele, acariciei sua cabeça já calva e também lhe dei um beijo. Um misto de alívio e felicidade tomou conta de mim. A alegria de saber que ele estava ali sentadinho no seu conforto fez-me pensar em como era bom ter meu vovô Pedro, pai do meu pai. Ele era a única bênção que recebi, pois os outros avós eu não conheci. Achei que ele representava os demais. Pensei que gostaria que ele vivesse para sempre, pelo menos em meu coração.

Fiquei por ali, silenciosa, pensando na minha terrível experiência. Mas hoje, já passados mais de sessenta anos, resolvi contar, a quem quiser saber, a história que guardei e acalentei em minha memória.





## *A sétima rosa*

Tempos atrás, não sei bem quanto, escutei uma pessoa dizer preferir as críticas aos elogios, porque os elogios corrompiam e as críticas construía. Confesso minha perplexidade diante dessa narrativa. Penso que o problema não está exatamente na crítica ou no elogio e sim nas pessoas que a/o fazem. Existem, mundo afora, muitos críticos “profissionais”... Então, pergunto eu: desde quando criticar depende de profissão?

Depende sim da sensibilidade, do conhecimento do fato em si e mesmo, por que não dizer, da solidariedade. Existem muitas pessoas não profissionais, simples, humildes, sem grandes conhecimentos ou estudo que, por sua vivência e experiência de vida, são capazes de fazer elogios ou críticas com palavras cheias de esperança e de verdade. São capazes de provocar nas pessoas uma revolução interna e, com isso, criam uma nova visão de vida que lhes dará a oportunidade de caminhar rumo aos seus sonhos e, realizando-os, encontrar o sucesso.

Concluo achando que deveríamos esperar que as pessoas nos pedissem opiniões sobre seus diversos conteúdos, suas vidas, seus pensamentos e mais uma gama imensa de exposições. Para opinar, precisaríamos usar nossa humildade e a certeza de que seríamos capazes de elogiar ou criticar. Usaríamos então o CONHECIMENTO do fato em questão, a SENSIBILIDADE para fazê-lo e finalmente a nossa SOLIDARIEDADE.







## *A oitava rosa*

Hoje amanheci pensando que, durante minha infância e mesmo na idade adulta, eu buscava em meus pais algum gesto, alguma coisa ou alguma posição que eu pudesse ter herdado deles. Foi muito interessante quando um dia me vi repetindo um gesto que minha mãe sempre fazia quando, sentada na varanda para descansar, juntava as mãos e ficava girando os dedos polegares entrelaçados em movimentos circulares. Ri feliz, porque até hoje faço o mesmo que ela fazia.

O mesmo aconteceu comigo quando, deitada, colocava os braços dobrados sobre a cabeça. Era o mesmo gesto de meu pai. Ri mais feliz ainda, porque agora eu tinha algo dos dois.

Lógico que, ao longo da vida, herdei outros gestos e gostos, mas esses me fizeram sentir como se eu fosse eles. É automático eu repetir esses gestos quando me sento ou me deito e é muito gratificante que pense que eu os carrego em minhas mãos e em meus braços. Tenho certeza de que não foi por acaso. Prefiro dizer que Deus me presenteou.



## *A nona rosa: Bruno*

Ele era pequenino, devia ter seus seis anos. Lindo em seus cabelos loiros e seu sorriso largo. Não era verdadeiramente falante, mas, por sua vez, era bem observador. Era tranquilo, suas traquinagens não ofereciam perigo, talvez pela própria natureza ou quem sabe por ser um pouquinho medroso. O fato é que conviver com ele era fácil e adorável. Tinha um físico mais para o roliço, o que vinha reforçar seu gosto pelos variados bolos que sua vovó fazia quando vinha visitá-la.

Certo dia, ao acordar, veio correndo assustado para perguntar à avó que canto era aquele que estava ouvindo. Sua avó, rindo, explicou que era o canto do galo e que costumava cantar três vezes ao dia: pela manhã bem cedo, ao meio-dia e ao entardecer. Ele nunca tinha ouvido o galo cantar, pois, nas cidades grandes, isso não existe. Ele passou então a tomar conta de cada canto e dizia: "O galo cantou, vovó".

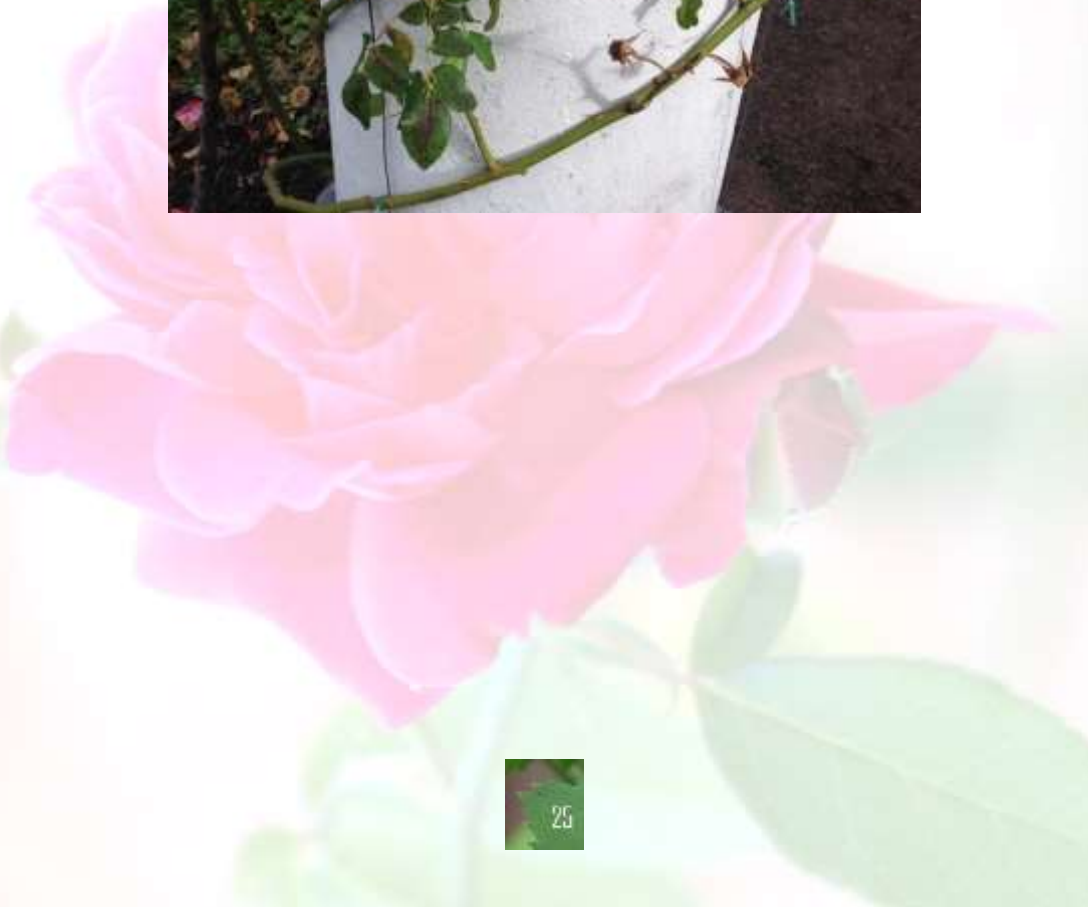
Os dias foram passando, e a alegria de tê-lo em casa acabou, pois as férias chegaram ao fim, e ele tinha de voltar à sua rotina na Escolinha.

Não senti alegria em seu rostinho quando se despediu, seus olhinhos estavam a ponto de derramar gotinhas por suas bochechas rosadas. Lá se foi ele, dando acenos de dentro do carro. Triste ele foi, triste a avó ficou.

Chegando em casa, logo, logo recebeu a visita de seus priminhos que tinham mais ou menos a idade dele. Ele desandou a contar que tinha ido à casa de seus avós e que lá tinham muitas coisas, como gramados, piscina, cachoeiras e muitos passarinhos que iam comer nas vasilhas que seu avô colocava. Parecia que não queria se esquecer de nada, acho até que foi saudade que deu nele.

De repente, um de seus primos perguntou curioso onde era afinal que seus avós moravam. Ele então parou de falar. Muito pensativo e como não lembrasse o nome da cidadezinha, falou triunfante:

— Ora, primo, eles moram lá onde o galo canta!



## *A décima rosa*

Seguindo pela calçada andavam as duas, a avó e a neta. A pequena, com seus oito anos, saltitante, com seus cachos dourados balançando, ia feliz agarrada na mão de sua vovó.

E poderíamos dizer que havia uma certa cumplicidade entre elas. Iam à casa da professora de piano. Mas é preciso dizer que a ideia das aulas de música tinha partido da avó, que convencera sua filha de que a música faz parte da formação das crianças. Chegando ao prédio da professora, o porteiro avisou para esperarem, pois logo, logo ela daria ordem para subirem. Enfim subiram.

A senhora, mais ou menos idosa, as cumprimentou e pediu que entrassem. Acomodou a avó na poltrona e pediu à menina para sentar na banquetta do piano. A sala era escura e sombria, com móveis antigos e escuros, o que, de certo modo, combinava com a dona. Havia um gato muito peludo no peitoril da janela.

A aluninha estava desconfiada – acho que com o ambiente –, mas prestou atenção ao que a professora explicava e logo apertou os dedinhos nas teclas do piano. De vez em quando, olhava para sua vovó, parecendo pedir socorro.

Terminado o horário, e como era a semana da Páscoa, a senhora veio com um saquinho em que se viam chocolates e balas e deu à menina, que olhou para a avó, que lhe disse: “Deseje Feliz Páscoa para a professora e agradeça pelo presente, querida”. A menina, com os olhos bem abertos, e olhando diretamente para a professora, falou com todas as letras e os acentos: “Feliz Páscoa, velha coroca!”.

A avó tremeu sem graça, quase entrando pelo chão, e disse com vergonha: “O que é isso!?!?!”. Pegou então na mão da neta e foi embora rapidamente. A avó não sabia se ria ou se chorava diante da inusitada fala de sua sempre formosa netinha, que ia serelepe como se não houvesse acontecido nada.

Apesar de tentar repreender a netinha, o riso tomou conta da avó, e acho que foi por isso que escapou de um mal-estar. Nunca mais ali voltaram, e as aulas sugeridas pela avó ficaram no esquecimento.

Passado algum tempo, a avó ainda se questionava de onde a neta tinha tirado aquela fala. Lembrou, então, que em certa ocasião tinha dito à menina que sua vovó estava ficando velhinha e que logo seria uma velhinha coroca, termo que usou por brincadeira. Provavelmente havia sido dali que a netinha havia tirado aquela fatídica frase.

Perdoou sua neta, até porque mais uma vez a vovó tinha sugerido alguma coisa sem se dar conta de que talvez a netinha não quisesse ter aulas de piano! E prometeu a si mesma parar de sugerir coisas, porque, com aquela netinha cheia de surpresas, ela não sabia o que poderia acontecer em uma próxima vez!

Até hoje eu e minha “netinha” damos boas risadas quando nos lembramos da história.





## *A décima primeira rosa*

Chegou o dia da faxina, mas, depois de ir e vir pela casa, achei que não estava numa boa performance para tal exaustiva missão. Resolvi então que arrumar algumas gavetas seria mais razoável, já que nunca consigo fazer algo pela metade. Naquela condição, a faxina não seria digna de mim porque algumas pessoas dizem que sou exigente nas questões de limpeza.

Bem, fui às gavetas. Preferi começar por onde guardo uma infinidade de paninhos, que vão de toalhas até minúsculos panos de variadas feiturinhas que arrendei vida afora. Não existe nenhum lugar que eu tenha ido conhecer em meus passeios ou mesmo passado aleatoriamente por alguma lojinha em que eu não encontrasse, no meio das muitas quinquilharias, um adorável pano, uma toalha, umas toalhinhas, que, na minha cabeça, não anteviesse enfeitando, maravilhosamente, minha casa.

Fui retirando uma a uma e buscando a história de cada peça. Peguei, primeiro, dois paninhos de fino croché nos quais figuravam duas damas antigas. Lembrei que os havia comprado em Natal.

Pensei nas mãos habilidosas que haviam feito aquelas joias e como me senti minúscula ao ver os pontinhos feitos por aquelas mãos. Mas pensei: "Quem sabe, se eu olhasse bem, poderia fazer?". Resultado: nunca fiz. Mas, cada vez que penso em colocá-los em minha vitrine colonial, fico feliz pela compra.

Fui retirando mais alguns panos de bandejas, nem sei quantos, em renda renascença, renda de bilro, bordadas, feitas pelas mãos caprichosas das nordestinas, que me fizeram comprar para quem sabe um dia usar. Posso dizer que já usei muitas e muitas vezes, porém os conservo bem engomadinhos e sempre parecem novos.

Veio então às minhas mãos um pequeno caminho, bordado em ponto de cruz, com pequeninas rosas vermelhas que têm à sua volta um delicado bico de croché. Ah! Esse fui eu quem fiz! Encontrei também um redondo, azul rei, bordado com flores coloridas, muito delicado e que foi feito por minha irmã, que infelizmente não está mais entre nós, mas que tinha mãos de fada.

Fui desfiando um por um e dizendo para mim mesma: "Esse foi fulana quem me deu, já esse comprei no brechó da igreja... Bom, esse aqui foi outra irmã que me deu, mas não foi feito por ela, pois achava que não era capaz de bordar tão lindamente...". Lembro-me de ter dito a ela: "Consegue sim. É só treinar!".



Depois de uma pilha feita, encontro duas relíquias. Paninhos cor de rosa com lindo e fino croché em volta. Têm valor inestimável, pois foram feitos por minha saudosa mãe. Ela fez para minha irmã, que ia se casar, colocar nas mesinhas de cabeceira. Essa irmã, agora viúva e idosa, resolveu me presentear e disse: “Dou para você, pois sei que gosta de enfeitar sua casa e que vai conservá-los com carinho”. Assim foi.

Já passados mais de cinquenta anos, aqui estão eles exatamente como quando os ganhei. São relíquias de nossa mãe que um dia passarei a quem os mereça.



## *A décima segunda rosa*

Um casal de namorados, ainda jovens, que se conhecia há algum tempo, pensava em se casar quando os dois tivessem condições. Ele era muito alegre, brincalhão, ela nem tanto, mas era risonha e sonhadora. Namoravam aos sábados e domingos na casa dela e se sentavam na varanda para conversar, trocar beijos e carinhos. Falavam de suas vidas e seus projetos. Certo dia, eles, não sei bem o motivo, tiveram um desentendimento, e ela, muito sensível, ficou amuada. Ele, com seu jeitão alegre, disse que ela estava com cara de “mufa” queimada. Pra quê? Ela ficou mais aborrecida, pois achava que ele estava falando algo ruim, como um palavrão.

A mãe, que às vezes dava uma “incerta” no comportamento deles, percebeu o atrito e perguntou o que estava acontecendo. Ele, rindo, explicou à futura sogra o que havia acontecido. Ela começou a rir, e a filha ficou ainda mais chateada, pois esperava que a mãe a apoiasse. Foi quando a mãe resolveu explicar que “mufa” era o nome dado pelos eletricitistas a uma peça que ficava no relógio medidor de energia que às vezes queimava e deixava o morador sem luz. A jovem moça ficou mais tranquila, mas também sem graça por ignorar aquele assunto.

O tempo passou, e os dois, já com tudo pronto para se casarem, marcaram a data.

Enfim chegou o grande dia, e ela estava ansiosa para que chegasse a hora em que se vestiria de noiva. Insistia para que a passadeira arrumasse logo o vestido. A senhora arrumou a mesa para passar o vestido, mas, para sua surpresa, o ferro não esquentava. Verificaram que não havia luz na casa e, olhando daqui e dali, constataram que a luz da casa dos vizinhos não acabara. Então o problema era só na casa deles. Chamaram o electricista da companhia de luz. Para a surpresa dos noivos, sabem o que aconteceu? A "mufa" havia queimado. A peça foi trocada, e tudo voltou ao normal.

A noiva, que já estava quase aos prantos, lembrou-se do acontecido tempos atrás. Até hoje ela se pergunta se não teria sido uma premonição ou se fora um simples acaso...





## *A décima terceira rosa*

Ao término do tempo de espera pela leitura nas entrelinhas dos olhares ávidos por terem expostos suas emoções e seus amores, não haverá mais NADA. Os olhos se encherão lentamente e derramarão lágrimas que ofuscarão para sempre as entrelinhas.

A desesperança no emaranhado de seus neurônios se juntará às tristezas, que ali já eram velhas conhecidas. Irão ao encontro da escuridão e do seu silêncio, e a dúvida de que suas misérias tivessem sido lidas ou não fará com que toda uma trajetória seja esquecida na mortalha de um amor que acabou mesmo antes de começar.

Precisará agora sofrer as angústias das noites de insônia e as dores do corpo durante os dias. Deverá padecer o flagelo por suas escolhas por caminhos tortos que foi traçando ao seu jeito. Suas mentiras haviam feito com que ela fosse transformada num lamentável ser que antes era visto apenas com qualidades.

Sua remissão, carregando sua cruz, fará com que, não suportando mais, possa deixar aflorar tantos arrependimentos. Cairá por terra, mas, num esforço sublime, conseguirá alçar voo rumo à libertação de tantos erros.

Será acolhida por um Pai Misericordioso, que, sem que ela soubesse, sempre havia derramado bênçãos sobre sua filha muito amada.





## *A décima quarta rosa*

O dia se despedia, e a escuridão da noite se apresentava aos poucos. Olhando na direção do horizonte, pude perceber sua faixa de nuvens cor de rosa que eram o resultado do sol que se punha. Acima delas, o azul ainda tênue se tornava mais escuro à medida que o sol desaparecia.

Algumas estrelas já salpicavam o céu aqui e ali. Acho que queriam começar o show da beleza noturna em que cada uma brilharia mais do que a outra. Logo teríamos um tapete azul bordado de ouro. Algumas constelações já se faziam visíveis e nos davam a exata visão que víamos nos filmes. Era a realidade absoluta de indescritível beleza.

Resolvi então que seria bom se eu fosse andar pelas ruas iluminadas e chegar até a beirada do mar, que ficava perto. Fui andando, sentindo o vento agradável da noite depois de um dia de calor. Sentia como se a noite dissesse para o dia que era chegada a sua hora de homenagear as pessoas, mas, por serem de belezas tão diferentes, não cabiam comparações. Uma morre para a outra nascer. Assim como na vida, uns morrem e outros nascem. É a natureza ditando suas regras.



Cheguei até o mar, sentei na murada da praia. Troquei algumas palavras com um casal que ali também estava. Observei as ondas que deslizavam sem parar, se jogando na areia. Será que elas queriam me dizer que no mar também existem estrelas?

Ao longe, o piscar das luzes das embarcações parecia que também queria que o mar se transformasse num tapete dourado de luzes.

Desci da murada e fui andando pela areia, molhando meus pés, que afundavam, coisa que jamais havia feito. Era uma sensação agradável, e pude aí entender as pessoas amantes das praias. Era preciso um certo esforço para flutuar, para dar outros passos. Acho que as areias do mar usam sua magia para nos conhecer e nos deixar deslumbrados com suas estrelas, que faziam do imenso espaço que também possuíam um tapete decorado com suas mais variadas cores e seus formatos.



## *A décima quinta rosa*

Nossa família tinha um mês para desocupar a casa em que morávamos, pois a proprietária havia vendido o imóvel logo que lhe comunicamos que nos mudaríamos.

Estávamos fazendo uma reforma no nosso apartamento que estava vazio e nos mudaríamos para lá. A reforma consistia em modificar a divisão do lugar, transformando o quartinho de serviço em cozinha, e a cozinha num quarto para nossa filha. Reformaríamos também o banheiro. Tudo estava correndo bem, mas surgiram alguns imprevistos na obra que nos fizeram gastar o dinheiro que havíamos reservado, e a obra iria demorar para acabar. Ficamos numa situação difícil, uma vez que teríamos de pagar uma multa por cada dia a mais na casa e também não podíamos nos mudar para o apartamento, pois o banheiro e a cozinha não nos davam condições para mudança.

Ficamos sem saber o que fazer. Restava apelar para a sorte, como fazem muitas pessoas semanalmente sonhando em melhorar de vida. Naquela época, anos 70, não havia Mega-Sena, só a loteria

esportiva. Era uma sexta-feira quando vi um volante para fazer um jogo que meu filho havia buscado na casa lotérica. Num pensamento repentino, resolvi marcar os jogos que eram 13 e nos davam o direito de marcar um duplo. Fui marcando sem grandes conhecimentos dos times e marquei um duplo em que um deles poderia ganhar ou empatar. Eram times do interior de que nunca ouvira falar.

Já eram 18 horas quando fui à casa lotérica. Chegando lá, encontrei as portas já fechadas. Fiquei ali olhando e lamentando por não ter ido mais cedo, quando um senhor da loja ao lado me viu e falou para que eu passasse o volante por baixo da porta, pois o dono ainda estava lá dentro, e eu poderia pegar o comprovante no dia seguinte. Fiz o que sugeriu e voltei para casa insegura pensando se o jogo seria feito ou não. No dia seguinte, sábado, fui cedo para buscar o comprovante e vi que o jogo havia sido feito. Os jogos seriam todos no domingo, e nós fomos acompanhando os resultados pelo radinho.

De repente, constatamos que havíamos acertado doze! Ficou apenas um jogo que ainda estava acontecendo. Era justamente o que havia marcado duplo. O time preferido estava perdendo, e nossa opção era o empate ou a vitória do outro time. Um gol nos salvou. E acertamos os treze pontos!



A comemoração foi grande! Mas nossa aflição era saber quanto ganharíamos. Os sonhos exagerados logo foram por água abaixo. O número de acertadores foi imenso. O valor que coube para cada acertador foi a quantia de quarenta e poucos mil cruzeiros novos.

Vocês acreditem se quiserem, mas o dinheiro deu exatamente para acabar nossa obra e nos mudarmos! E, para não dizer que não sobrou nada, sobrou o suficiente para comprar uma geladeira nova e maior do que a que tínhamos, que era pequena e antiga.

Uma amiga, que soube do prêmio, me falou que tínhamos tido sorte. Eu, cá comigo, pensei e preferi dizer que não houve sorte e sim a "mão de Deus"!



## *A décima sexta rosa*

Nas semanas que antecedem o Natal, faço uma arrumação na casa e nos armários, vejo as roupas que não uso para doar, assim como alguns objetos que enfeitam as prateleiras que entrego para o bazar da igreja.

Foi numa dessas seleções que me vi segurando uma xícara que uma amiga me havia dado. Era uma xícara de porcelana verde-claro com a palavra "FELICIDADE" escrita em dourado com umas rosinhas cor de rosa enfeitando. Minha amiga explicou que pertencera à sua sogra que falecera. Quando foi arrumar os pertences da falecida, viu a pequena xícara e se lembrou de mim na mesma hora. Sabia que eu gostava de peças antigas, e aquela já tinha mais de cem anos. Resolveu que seria minha. E assim fez. Deu-me de presente. Guardo com carinho para que não se quebre. Foi quando estava com ela nas mãos que me lembrei de uma história que alguém me contara.

Uma senhora passou sua vida inteira com um sonho de possuir um copo no qual estivesse escrita a palavra "FELICIDADE" em dourado com pequeninas flores cor de rosa enfeitando. Foi por diversas vezes procurar nas lojas, mas não encontrava.

Certo dia, indo à cidade, viu numa vitrine, bem no cantinho junto a uma infinidade de coisas, o seu sonhado copo com a “FELICIDADE” em dourado e florzinhas enfeitando. Entrou logo na loja e perguntou ao vendedor o preço. Ele falou, e ela triste saiu da loja, pois não tinha condições para comprar. Era muito caro para ela.

Voltou à casa para continuar sonhando. Os meses se passaram, e ela resolveu ir olhar o copo. Chegando à loja, se espantou porque estava escrito na vitrine “salvos do incêndio” com bons descontos. Olhou bem a vitrine, que ainda tinha o cheiro acre do incêndio, e havia cinzas nos objetos. Ficou procurando e, de repente, viu o seu copo meio escondido num canto. Rapidamente foi ao vendedor para saber que preço tinha agora. Pôde comprar. Estava feliz.

Foi com seu embrulho para colocar seu sonho na prateleira da sala para poder vê-lo sempre que passasse ali. Ao limpar o copo, viu que uma rachadurinha cortava ao meio a palavra felicidade. Ficou triste e abatida, mas resolveu colocá-lo logo na prateleira antes que se quebrasse.

Quando ouvia outras pessoas questionando se a felicidade era fruto de sorte ou merecimento, a senhora se calava. Suspirava e pensava na sua “felicidade dourada” cortada ao meio.





## *A décima sétima rosa*

A menina estava alegre e catita no seu vestidinho de festa e para completar um belo laçarote de fita nos cabelos loirinhos.

Suas irmãs bem mais velhas iam levá-la a uma festa de confraternização no colégio onde estudavam e estavam terminando o segundo ciclo escolar.

Os professores haviam planejado uma bela festa de encerramento do ano escolar. Havia um grande pátio, que foi enfeitado com bandeirinhas, balões e cartazes com figuras coloridas. Foram montadas barraquinhas que continham doces diversos, bolos, salgadinhos, pipocas, algodão-doce e também sucos e refrigerantes. Não era preciso comprar nada. Tudo era grátis, e podiam escolher e pegar o que mais gostassem.

As irmãs já estavam chegando até o bonde que fazia o caminho para a escola. Desceram e foram pela calçada até o portão. Entraram e cada uma recebeu um papelzinho com um número, pois haveria sorteios de prendas durante a festa. A menina, deslumbrada com a decoração, só fazia sorrir. Logo se juntou às outras crianças que se divertiam correndo daqui pra ali e faziam rodas cantando as músicas que sabiam.

Havia um pequeno palco onde algumas alunas apresentavam danças e também recitavam poemas. Mas a alegria maior foi a entrada do palhaço, que, dando cambalhotas, fazia todos se divertirem. Uma caixa de som também executava músicas para quem quisesse dançar. Notava-se nos rostos dos professores a satisfação de ver que tudo estava dando certo. Sortearam algumas prendas, e logo apareceram os ganhadores.

A menina gostava dos docinhos e das pipocas. Comeu várias vezes. Em um dado momento, uma professora pediu para pararem as músicas e falou ao microfone que iriam fazer uma brincadeira. Pediu que subissem no palco oito meninas que tivessem mais ou menos a mesma idade. Algumas logo se apresentaram, e a menina foi levada por suas irmãs para subir ao palco. Eram oito lindas meninas enfileiradas. A professora então falou que, entre elas, seria escolhida a mais graciosa, que receberia um prêmio. Três professoras ficaram avaliando as oito, e no final ficou decidido por elas que a menina com o laçarote tinha sido escolhida. As pessoas bateram palmas para ela, que ficou tímida, apesar de continuar a sorrir. Recebeu seu prêmio e agradeceu. Suas irmãs a abraçaram e viram que o prêmio continha numa caixa um jogo de saboneteira, escova e pente na cor rosa com decalques floridos. Era muito bonito.



A festa voltou ao normal, com suas danças e com o apetite da maioria. Já começava a entardecer, e as irmãs resolveram voltar para casa. E de bonde lá foram elas. Chegando em casa, logo a menina perguntou para sua mãe se poderia ir ao aniversário da amiguinha da casa verde, pois tinha sido convidada. A mãe tristemente falou que ela a menina não poderia ir, uma vez que não pudera comprar um presentinho para ela levar.

A menina ficou calada por um momento e de repente falou à sua mãe: "Eu posso levar o prêmio que ganhei para ela!". Foi surpresa para a mãe ouvir o que havia dito e perguntou a ela se não se importava de perder seu prêmio. Ela, com voz decidida, falou que seu prêmio seria o presente para sua amiga e que a festa da amiga seria o seu grande prêmio, pois o que ela mais gostava era de festas. A mãe, um pouco comovida com o desapego de sua menina, segurou a mão dela e foi levá-la até a casa de sua amiguinha, que a recebeu com um abraço e agradeceu pelo presente. Foram saltitantes se unir às outras crianças que brincavam de roda.

Depois foi cantado o Parabéns, a mesa dos doces estava linda, com um bolo cor de rosa que tinha muitos confeitos prateados. Acho que ali a menina silenciosamente comemorava seu próprio aniversário, pois nunca pôde ter tudo isso.



Voltou para casa feliz, e, depois de um banho, a mãe a colocou na cama. Aquele dia tinha sido muito especial para a menina, pois pôde participar de duas festas, que, como ela havia dito, era do que ela mais gostava.

A menina do laçarote era eu.





## *A décima oitava rosa*

Estarmos cientes de nossa colocação no mundo, de nossos desejos e nossas desistências, de nossas aspirações e da capacidade de levá-las a termo nos possibilita enxergar que, como seres humanos, não podemos tudo. Temos, antes de mais nada, de encontrar dentro de nós nossas aptidões e colocá-las em prática da maneira mais concreta.

O caminho pode ser longo, mas devemos saber que ninguém nasce feito. Vamos nos completando à medida que, considerados nossos dons, tenhamos discernimento e paciência. Saber abrir mão de algum sonho, às vezes, faz com que crescamos e possamos aparar as amarras de nossa existência e levantarmos as âncoras para ir em frente, buscando aqui e ali suporte para as nossas realizações.

Escutar a voz do silêncio também nos leva a descobrir respostas nunca dadas e que, escondidas, nos impediram de saber o porquê de termos desenhado nossos caminhos enviesados quando seria mais fácil construí-los retos, pois não precisaríamos entortar o corpo para ver o que se descortinava mais adiante.

Os infortúnios dos amores vividos também se calariam na voz, talvez para poupar de tantas amarguras retidas no íntimo dos pensamentos. A falta de estima por não saber conviver com mudanças aumentaria o som da voz, na esperança de acertar os passos, que sairão à procura do amor-próprio.





## *A décima nona rosa*

Uma casa em ruínas que precisava ser implodida. E foi! Os alicerces permaneciam para serem aproveitados. A vida seria novamente construída, tijolo por tijolo. Os entulhos seriam revolidos à procura de algo que pudesse ser reutilizado. Comecei a ver que existiam janelas e portas inteiras. As janelas serviriam para olhar e ver o sol nascer, a chuva cair, os pássaros em revoada e à noite uma esplêndida lua daria um sorriso. As estrelas pontilhavam o céu. A aragem revolia os cabelos, mostrando quão brancos estavam agora. Enfim foi a minha vida que se descortinava pela janela. As portas teriam novas fechaduras que não se abririam, para que não seguissem pelos caminhos que antes percorri, só se abririam para que fosse regar as plantas que iriam voltar a florir.

Um dia a casa fora linda, iluminada por sua luz própria. As rachaduras apareceram, o telhado adquiriu goteiras, a pintura descoloriu. Foi abandonada.

Chegou a hora da reconstrução. A dificuldade de pôr abaixo uma casa é infinitamente menor que os esforços para renascer uma vida. Os tijolos têm de estar repletos de afeto, a argamassa tem



de conter esperança. As paredes têm de ter um alinhamento perfeito com os novos sonhos. O telhado não poderá deixar que as goteiras sejam feitas de lágrimas. No final, a pintura terá cores firmes, alegres, que não se deixarão esmaecer pelo sol acolhedor, pelos ventos refrescantes e pela chuva benfazeja. Toda a vida então estará pronta para outra Caminhada, outras decorações que serão feitas com os novos olhares que saberão ver a beleza, para colocar em cada conto do pensamento e do coração as diversas peças que a nova vida saberá escolher.





## *A vigésima rosa*

Desde que o mundo é mundo, os seres humanos sempre se questionaram sobre os diversos aspectos de suas vidas. Os porquês, as certezas e as incertezas que moram em seus pensamentos, e, à medida que iam sendo solucionados, outros questionamentos se estabeleciam. Na verdade, é o inconformismo a que são levados com a esperança de que suas vidas tomem outros rumos.

A insatisfação é como a marca registrada na etiqueta dos seres humanos. Se têm, não dão valor; se não têm, se acham discriminados. Se querem realizar sonhos, vão postergando para um futuro que nem mesmo sabem se terão. Uns se endividam por muito comprar, outros não compram para não se endividar. Os parâmetros de uns não são os parâmetros dos outros. Há os que vivem do passado e outros vivem para o futuro. Enfim, em nenhum dos dois casos se vive, pois o passado não volta, e o futuro não é certo para ninguém. O ideal é viver o aqui e o agora de nossas vidas.

Fazer o seu dia acolhedor, vestir roupas esquecidas, se preparar para receber as visitas tão esperadas que as fotografias ajudam a preservar. Ler de novo aquele livro que tanto o encantou. Fazer as

rosquinhas das receitas da vovó querida. Saboreá-las com um café forte e bem quente, como o calor das saudades que sente dela.

Chegar até a varanda e olhar o céu ou a chuva como se fosse a primeira vez. Brincar de esconde-esconde das lembranças da infância. Ouvir o grito do vendedor de cocadas e sair correndo para comprar. Isso não é viver do passado, é se transportar e colher suas alegrias para o dia de hoje.



## *A vigésima primeira rosa*

Quando escutou a buzina tocar, a menina saiu correndo e gritando: “Ele chegou, ele chegou! É meu papai com seu caminhão!”. Era sempre a primeira a abraçar e beijar seu querido pai quando, depois de algum tempo viajando, entregando suas cargas, ele voltava, e era a maior alegria em casa. Sua mãe e seus irmãos festejavam, e a casa se enchia de muita felicidade.

Depois dos abraços, ele começava a tirar do caminhão tudo o que comprara para a família. Garrafões empalhados com o melhor vinho do Sul. Sacos de laranjas, tangerinas e outras frutas que comprava pelo caminho. Trazia as melhores linguiças de Minas e também queijos. O mais interessante eram as capoeiras com galinhas e frangos para soltar no galinheiro que fizera. Era muita fartura. Gostava de distribuir vinhos pelos vizinhos. Mas o melhor para a menina ainda estava por vir.

No dia seguinte, ele iria levar o caminhão para fazer vistoria em tudo o que precisasse. Quando ele entrou no caminhão, ela já estava sentadinha na boleia para ir com ele, que adorava a companhia da menina. Ela, alegre, falante, queria saber tudo, e ele ia respondendo e rindo muito dela e de sua curiosidade. Na oficina, os empregados

já a conheciam e brincavam com ela, e seu pai dizia: “Essa é minha caçulinha”. Ela ficava prosa e se segurava no pai com carinho.

Deixando o caminhão no pátio da oficina, o pai a tomava pela mão para correr as lojas de ferragens – que não eram muitas naquela época. Sempre precisava de algumas ferramentas e a cada uma ia dizendo o nome para a filha aprender. Alicates, martelo, chaves de fenda grandes e pequenas, parafusos, porcas (que ela achava engraçadas), arruelas... Mas o mais engraçado era o macaco, que servia para suspender os pneus que precisassem ser trocados. Ela guardava tudo em sua cabecinha e mostrava a todos sua sabedoria.

Ela gostava de abraçar aquele pai grandão e receber o abraço das mãos enormes que ele tinha. Ela sempre dizia que ele era o mais bonito dos pais. Os cabelos loiros dele e seus olhos azuis da cor do céu eram uma paixão para ela. Ele era realmente um homem bonito.

Ele gostava de colocar seus discos na vitrola e alegrava todo mundo, fazendo suas filhas dançarem, e ela também aprendera com ele. Ele e sua mãe iam para a cozinha e preparavam comidas gostosas para todos. Mas do que ela mais gostava era quando ele fazia churrasco e, gaúcho como era, fazia o melhor de todos. Era um dia de festa.



Os dias se passavam, e logo ele voltaria para suas viagens. A menina já se entristecia e aproveitava para ficar mais grudada nele, como se isso fosse diminuir a saudade que sentiria de seu pai gigante. Ele amava sua caçulinha e se entristecia na despedida, mas explicava e a consolava dizendo que, quando voltasse, iriam de novo à oficina e que ela poderia aprender o nome de outras ferramentas. Naquela hora ela só conseguia rir com os olhos.

Ela cresceu, a vida seguiu em frente, mas até hoje, quando passa na porta de uma loja de ferragens, ela entra para matar as saudades daquele tempo tão feliz. Até do cheiro de graxa que ficava impregnado nas roupas de seu querido pai ela sentia saudades.

Ele foi sua grande festa, e aquela menina era eu.



*Sobre a autora*  
(nas palavras de sua filha)

Bernardete de Lurdes Bielinski é mineira de 1943 e, ainda que tenha vivido a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro, em São Paulo e hoje em Aracaju, jamais perdeu seus traços de mineirice: gosta das montanhas, das flores, da conversa gostosa e tranquila, de artesanato, de gente amorosa e, principalmente, de simplicidade e de alegria.

Dedicou sua vida à arte de amar sua família e lutar por ela com todas as forças, aprendendo mil ofícios e sempre demonstrando seu talento e suas habilidades em tudo o que se dispôs a fazer.

Apesar de hoje já não gostar tanto de ficar na cozinha, fez fama (e a mantém) de grande cozinheira e sempre encontra uma novidade para criar e paparicar as pessoas que estão à sua volta.

*As cores da rosa* é seu primeiro livro. Pelo menos no sentido tradicional que se pensa quando a palavra “livro” aparece. Mas as histórias que Bernardete viveu poderiam ser lidas como livros em que ela, personagem principal, sempre soube atuar com amor, generosidade e sensibilidade. No entanto, agora, decidiu colocar no papel (ou na tela do computador), as histórias de seu dia a dia.

Algumas das histórias vieram de um passado já um tanto distante; outras, mais recentes, são fruto da capacidade de ler a vida que só a maturidade traz. O melhor, no entanto, é que *As cores da rosa* não é seu primeiro e último livro, porque outros textos já vêm sendo bordados por ela no tecido do papel, nas luzes da tela do computador e, principalmente, em seu coração e seu pensamento, que, definitivamente, desabrocharam para a arte de escrever. É só aguardar, como nós – seu marido, seus filhos e sua filha, sua nora e seu genro, seus netos, suas netas e os amores de seus netos e de suas netas, e até uma bisnetinha a caminho – já aguardamos, orgulhosos/as de ver nossa Bernardete bordando a palavra “felicidade”, com letras douradas, em nossos corações e, certamente, nos corações de quem puder ler *As cores da rosa*.





**Lucgraf**  
EDITORIA GRÁFICA

2021



